

## AQUI JAZZ BILLIE

*Por Felipe de Menezes<sup>1</sup>*

Eleanora Fagan Gough foi uma das cantoras norte americanas mais aclamadas de todos os tempos. Seu talento com a música se tornou notório por todos os cantos do mundo. Ao longo de toda sua vida, sua história foi se confundindo com sua obra, como nos parece ser comum entre os artistas que transmutam sua alma em seu ofício. Eleanora e Billie Holiday se fundem em uma biografia transpassada de dor e sofrimento, mas também, de muito sucesso e uma infinidade de aplausos e reconhecimentos.

Durante o 37º Festivale, assistimos estupefatos, o Núcleo Ágora de Teatro, que encenou o espetáculo *Aqui Jazz Billie*, na tarde do dia 10 de setembro, no lendário Cine Santana. Em cena Eleanora-Billie-Renata, essa última, cantora e atriz, que empresta seus timbres preciosos às outras duas. Essa transfiguração só é possível porque o teatro é um precioso espaço de recriação. E, para além das estruturas sedutoras de uma atuação realista-identificada, o palco nos dá oportunidades de mascararmos (não no sentido pejorativo) o real. E, assim, se torna impossível a reprodução fiel e digna de um outro ser, sobretudo, os sujeitos históricos. Mas, há uma contradição: é possível se parecer com o sujeito representado ao criarmos tessituras no trabalho de atuação. Atuar, nessa perspectiva, é a possibilidade concreta de devolver voz e suor a quem a quem tanto admiramos. Esse foi o caso da cantora e atriz Renata Baptista que, ao lado de Miler Ezequiel, deram voz e suor a uma mulher negra que, embora vítima do racismo segregador nos Estados Unidos da América era, também, uma gigante cantora. O espetáculo, delicado e poético, dirigido por Gabriel Marinelo e iluminado por Maely Sammay nos envolve do começo ao fim

---

<sup>1</sup> *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

em cenas do cotidiano familiar, doméstico e profissional de Billie Holiday. O biodrama é todo costurado com canções executadas brilhantemente, ao vivo, pelo músico e ator Miler Ezequiel, cantadas por Renata Baptista, que em cena, mostra sua grandeza como atriz de muitas qualidades.

O conhecimento é uma das coisas mais importantes que o teatro faz através de nós, artistas. Sempre que ele cumpre uma função de esclarecimento, de desmitificação, de informação e de elevação da nossa consciência crítica, torna-se um espaço digno e insubstituível da experiência humana. Quantas coisas nós aprendemos ao ver uma peça tão bem feita como *Aqui Jazz Billie?* Certamente muitas coisas. E, no debate após a apresentação, isso foi comprovado. O público que ficou para comentar não poupou elogios ao trabalho e se mostrou surpreso ao conhecer aspectos da vida dessa incrível cantora que viveu por apenas 44 anos, tendo falecida em 1959 por problemas com o excesso de consumo de álcool. Billie Holliday teve uma vida prejudicada por uma série de episódios de violências físicas e psicológicas. Barbaramente torturada pelos seus excessos e vícios. Entretanto, essa vítima de uma sociedade mal, brilhou, encantou e marcou o mundo do jazz com sua voz única e insubstituível.

Importante ressaltar que o trabalho teve a orientação artística de Erika Cunha, do Programa de Qualificação em Artes (antigo Projeto Ademar Guerra) – ação do Governo do Estado de São Paulo, em parceria com municípios paulistas, cujo objetivo é promover uma troca entre artistas da capital (responsáveis pela orientação artística dos projetos) e os artistas do interior e litoral (geralmente grupos de teatro em processo de criação cênica). Aliás, nessa apresentação, tivemos a presença da coordenadora do Programa, a atriz Aysha Nascimento, que em sua fala, salientou a importância do projeto na vida de muitos que começam suas carreiras sendo orientados pelo Programa.

Parabéns, Ágora! Viva o jazz e viva Billie!

No palco jaz um mal,  
todos os possíveis  
- menos, Billie.  
Billie é jazz e não jaz  
jamais!